

## SIMPÓSIO AT031

### AS FIGURAS FEMININAS NA LITERATURA BRASILEIRA OITOCENTISTA

LIMA, Antonia Rosane Pereira  
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)  
antoniarosane@hotmail.com

**Resumo:** Pretende-se, com o estudo aqui proposto, investigar como se dava a representação da figura feminina na literatura produzida no Brasil, durante a segunda metade do século XIX, sob a perspectiva da escrita de autoria feminina. Para tanto, buscou-se exemplificar tal temática a partir da obra **Lutas do coração** (1999), de Inês Sabino (1853-1911), a qual traçou um verdadeiro retrato da mulher brasileira oitocentista, ressaltando a heterogeneidade imbricada em suas condutas, tendo em vista tal obra abordar as características díspares de três personagens femininas. Desse modo, utiliza-se, como fundamentação teórica, os estudos de Maria Conceição Araújo (2008), Elisa Maria Verona (2013), Sinéia Silveira (2014) dentre outros nomes. O estudo pauta-se na pesquisa bibliográfica a fim de reunir estudiosos/as que abordem a condição da mulher na sociedade brasileira oitocentista, bem como sua presença e caracterização nas obras literárias do período. Conclui-se que Inês Sabino apresenta suas personagens, em **Lutas do coração**, representando alguns perfis de mulher presentes no século XIX, ora demonstrando submissão aos padrões sociais, ora demonstrando superação de algumas barreiras impostas a elas.

**Palavras-chave:** Mulher; Literatura; Inês Sabino; Século XIX.

**Abstract:** It is intended, with the study proposed here, to investigate how the representation of the female figure in the literature produced in Brazil during the second half of the nineteenth century was presented, from the perspective of female authorship. Therefore, we tried to exemplify this theme from the work **Lutas do coração** (1999), of Inês Sabino (1853-1911), which traced a true portrait of nineteenth-century Brazilian women, highlighting the heterogeneity imbricated in their conduct, in order to address the disparate characteristics of three female characters. In this way, the theoretical of Maria Conceição Araújo (2008), Elisa Maria Verona (2013), Sinéia Silveira (2014), among other names. The study is based on bibliographical research in order to bring together scholars who deal with the condition of women in nineteenth-century Brazilian society, as well as their presence and characterization in the literary works of the period. It is concluded that Inês Sabino presents her characters, in **Lutas do Coração**, representing some profiles of women present in the nineteenth century, now showing submission to social standards, now showing overcoming some barriers imposed on them.

**Keywords:** Woman; Literature; Inês Sabino; XIX century.

## Introdução

A figura feminina sempre foi bastante representada pela literatura produzida por homens, principalmente no século XIX, quando o romance ganha lugar de destaque entre as produções literárias, conforme anuncia Ian Watt (2010). Além disso, junto a esse fortalecimento da cultura do romance, os escritores passaram a investir na leitora – aquelas que tiveram o mínimo de instrução que era permitido –, principal consumidora de seus textos.

Essa valorização da leitura tornou mais fácil o acesso aos livros. Porém, é preciso problematizar essa mudança no comportamento feminino como não isento de repressões, pois foi nesse mesmo período, conforme se depreende do estudo feito por Norma Telles (2017), que se perpetuou o discurso formulado no século XVIII sobre a “natureza feminina”, que estabelece duas vertentes de caracterização da mulher: “quando maternal e delicada, como *força do bem*, mas, quando “usurpadora” de atividades que não lhe eram culturalmente atribuídas, como *potência do mal*” (TELLES, 2017, p. 403).

Por consequência de tal discurso pretendia-se manter a mulher no espaço que ela, por muito tempo, havia ocupado, ou seja, o ambiente do lar, atribuindo ao homem artista o papel de criador, dotado da subjetividade necessária ao processo de escrita, característica negada à mulher, cujo papel desempenhado só poderia ser o de musa inspiradora, nunca o de criadora.

### 1. A mulher na literatura oitocentista

Cabe salientar que a situação de submissão às imposições masculinas foi sendo modificada à medida que a mulher foi se inserindo na área da escrita, tendo antes que se descobrir enquanto sujeito dotado de identidade, visto que ela foi sempre representada na literatura a partir da visão masculina, que, muitas vezes, reforçava ainda mais a sujeição feminina aos espaços do lar, através de suas inúmeras personagens femininas tão conhecidas pela literatura universal. Virginia Woolf (2014, p. 66-67) chama atenção para a disparidade de papéis atribuídos às mulheres na ficção e na vida real na literatura inglesa:

Mas isso é a mulher na ficção. [...]

É de se imaginar que ela seja da maior importância; na prática, ela é completamente insignificante. Ela permeia a poesia de capa a capa; está sempre presente na história. Domina a vida de reis e conquistadores na ficção; na vida real, era a escrava de qualquer garoto cujos pais lhe enfiassem um anel no dedo. Algumas das palavras mais inspiradas, alguns dos pensamentos mais profundos da literatura vieram de seus lábios; na vida real, ela pouco conseguia ler, mal conseguia soletrar e era propriedade do marido. (WOOLF, 2014, p. 66-67)

Nesse sentido, observa-se que o cenário brasileiro não era tão diferente do da Inglaterra, tendo em vista que, aqui, a mulher poderia figurar livremente nas obras literárias, mas apenas como personagens, musas inspiradoras, nunca ocupando o papel desempenhado por eles, isto é, a criação de suas próprias histórias e personagens, atuação considerada inapropriada ou incapaz de ser desenvolvida por um ser que não fosse masculino. O que confirma a ideia defendida por Norma Telles (1990, p. 127) de que “a tradição estética define a criação artística como um dom essencialmente masculino”. Dando continuidade ao seu pensamento, a escritora assim descreve a situação feminina no Brasil do século XIX:

Excluídas de uma participação na sociedade, de modos de assegurar condignamente sua própria sobrevivência, de uma educação superior, as mulheres do século XIX permaneciam literalmente fechadas em casas ou sobrados construídos pelos pais, maridos ou senhores. Viviam em espaços desenhados e planejados pela arquitetura masculina assim como estavam constringidas e restritas nos “Palácios da Arte e nas Casas da Ficção masculinas” [...]. (TELLES, 1990, p. 127-128).

Por esse motivo é que Virginia Woolf (2014) defendia que a mulher, para conseguir adentrar no universo da escrita ficcional, necessitava possuir um teto só para si, longe da presença restritiva masculina, quando não do pai, do esposo, limitando ou podendo seu fazer artístico.

No capítulo intitulado “Mulheres e imagens: Aparências, lazer, subsistência”, Anne Higonnet (1991) traça um perfil da mulher do século XIX em sua construção identitária no âmbito artístico. A autora retrata a inserção da mulher no âmbito das artes visuais ao longo do século XIX, área esta que representava a figura feminina como ser voltado para o ambiente do lar, assim

como acontecia com as obras literárias. Desse modo, tendo ocorrido mudanças nesse cenário e com as mulheres tendo acesso aos meios de produção artística, estas puderam representar a si próprias e não somente serem objeto de representação masculina.

No entanto, até mesmo para as mulheres não era fácil imaginar uma identidade feminina. Não existia um ser feminino essencial que as mulheres pudessem descobrir e revelar. Havia apenas experiências femininas culturalmente determinadas que incluíam as motivações da sua própria invisibilidade. [...] A maior parte das mulheres que empreenderam uma carreira artística no século XIX eram de origem burguesa; pertenciam ao grupo de mulheres que mais tinha a perder em termos de classe ao melhorar o seu destino em termos de género. Apanhadas por estes impulsos contraditórios, as mulheres não produziram imagens de si próprias fundamentalmente diferentes em estilo e conteúdo das imagens que os homens delas faziam. (HIGONNET, 1991, p. 301-302, sic).

Nesse sentido, envoltas em um ambiente que não permitia liberdades de atuação, algumas mulheres, mesmo alcançando um espaço de fazer artístico, não conseguiam se desvincular das identidades projetadas para elas, a partir daquilo que os homens definiam sobre o que era ser mulher, o que pode se justificar, por um lado, pelo fato de elas serem dependentes de uma figura masculina e não poderem, por isso, ultrapassar certas barreiras. No campo literário, “A educação patriarcal cerceou de maneira bárbara a vida das mulheres e estiolou muitas vocações literárias. [...] No mundo masculino de então, as mulheres sempre foram intrusas e a aceitação passava por códigos burgueses de moralidade e de boas maneiras” (MUZART, 2000, p. 22-23).

Desse modo, em meio ao contexto de submissão histórica envolvendo a figura feminina, o Brasil não se configura como exceção no tocante à posição que a mulher ocupou ao longo de sua constituição, visto que o país, até o século XIX, seguia os modelos europeus, sobretudo aqueles que dizem respeito à cultura e aos costumes da sociedade.

Apesar de recente (segunda metade do século XX), os estudos literários que visam ao resgate de textos produzidos por mulheres nos séculos passados são bastante significativos no tocante ao enriquecimento da historiografia

literária brasileira, haja vista a imensa quantidade de obras e autoras descobertas e muitas ainda por surgir nesse universo que é a escrita literária.

Diversos estudos demonstram uma quantidade imensa de textos que ficaram esquecidos pela historiografia literária brasileira, o que reforça a exclusão em que as mulheres foram submetidas, tendo em vista que, mesmo conseguindo escrever seus textos e publicá-los, sua circulação era comprometida. Nesse sentido, um trabalho muito importante de resgate de nomes e obras, em sua maioria desconhecidos do grande público, é a antologia organizada por Zahidé Lupinacci Muzart, intitulada *Escritoras Brasileiras do Século XIX*, na qual constam nomes como Maria Firmina dos Reis, Nísia Floresta, Ana Aufran, Josefina Álvares de Azevedo, Júlia Lopes de Almeida, Ildelfonsa Laura César, Adélia Fonseca, Gilca Machado, Délia, Inês Sabino e inúmeras outras escritoras.

Porém, é preciso discutir o papel que desempenharam essas escritoras na perpetuação de certos discursos masculinos, tendo em vista a grande repressão que sofriam e, desse modo, seria muito difícil, para aquelas que arriscaram pegar na pena para escrever seus textos, fugir totalmente daquilo que as prendia num círculo de subjugação. Conforme salienta Elisa Verona (2013):

Ora assimilando, ora recusando algumas questões referentes à sua condição social, ou apenas cogitando possibilidades de mudanças, os escritos das mulheres que viveram no Brasil do XIX ajudam a refletir sobre os condicionamentos históricos inerentes à atividade de escrever e sobre os modos de assimilação socioculturais de valores e padrões de comportamento. (VERONA, 2013, p. 23-24)

Assim, ao se investigar a atuação feminina na literatura brasileira, é necessário levar em consideração todo esse contexto de imposições a que as mulheres era submetidas no século XIX e posteriormente. De acordo com Maria da Conceição P. Araújo (2008, p. 42), “A recuperação da literatura do passado, escrita por mulheres, implica uma necessidade de reconstituir a memória de um tempo e de uma história que foram velados para redescobrir o ontem e compreender a vivência do hoje”.

Nesse sentido, a busca por trazer à tona esses textos de mulheres do passado contribui para o entendimento das relações de exclusão que ainda hoje imperam em muitos aspectos da vida social brasileira. Além disso, fornecem informações sobre quem foram essas mulheres escritoras que primeiro ousaram desafiar o poder dominante e lançar-se pelo universo ficcional e também crítico literário.

## 2. Inês Sabino e Lutas do Coração

Sobre Maria Inês Sabino Pinho Maia, que deixou importante contribuição para as letras brasileiras, com publicações em poesia e prosa, temos as seguintes informações: nasceu em Salvador, estado da Bahia, em 31 de dezembro de 1853 e faleceu no Rio de Janeiro em 13 de setembro de 1911; foi poetisa, romancista, contista, memorialista, biógrafa; destacou-se, dentre outros motivos, por ter empreendido uma importante pesquisa a respeito de mulheres que se destacaram na história do Brasil, seja por feitos em prol do país, seja por seus escritos literários, tendo publicado tal estudo no livro *Mulheres Ilustres do Brasil*, em 1899, conforme salienta Zahidé Muzart (2000).

Segundo Ívia Alves (2012), romancistas como Ignez Sabino, indo de encontro ao que era proposto pelos românticos, tematizaram o casamento, porém sob a perspectiva do que acontece depois da cerimônia, isto é, o dia a dia dos cônjuges, as separações, o amor que não pode ser vivido por uma mulher separada, bem como o casamento realizado sem sentimentos envolvendo os noivos. Tudo isso é que ocorre em **Lutas do coração**, conforme a professora aponta, pois “Inês Sabino mostra-se mais desencantada com a sociedade e com o casamento” (ALVES, 2012, p. 130), do que autores como José de Alencar em *Senhora*, obra esta que retrata um final feliz no casamento. Além disso, outra pesquisadora que fez estudo sobre a escritora em questão, Sineia Silveira, afirma:

[...] Inês Sabino promove rupturas em relação ao pensamento da época, produzindo contos, romances, artigos jornalísticos, biografias, textos memorialísticos e poemas que versam sobre temáticas controversas, problematizadoras da condição das mulheres. Seus textos

demarcam um território literário feminino em um século caracterizado pelas hierarquias de gênero, numa sociedade que, mesmo experienciando novas formas de ver o mundo, em um momento de quebra de paradigmas filosóficos, sociais, políticos e estéticos, reserva às mulheres um papel subalterno, aceitando seu prestígio social, de bom grado, apenas no recôndito do lar. (SILVEIRA, 2014, p. 7)

Assim, percebe-se como a escritora estava à par dos acontecimentos envolvendo a sociedade e a vida das mulheres e conseguiu inserir alguns posicionamentos em suas personagens, como é o caso de Ofélia, em **Lutas do Coração** (1898). Sobre esse romance, publicado em 1898, cuja edição utilizada neste estudo é de 1999, sua narrativa é desenvolvida a partir da caracterização de três personagens femininas cujas trajetórias se entrecruzam na medida em que a personagem Hermano adentra em suas vidas. A partir da caracterização psicológica de cada uma, a autora analisa os comportamentos femininos numa época marcada pela normatização da conduta feminina.

No romance de Sabino o amor não vence, tendo em vista que o romance entre Hermano e Ofélia não pode ser consolidado com o casamento, porque ela é uma mulher separada do marido, mal vista, por isso, pela sociedade. O jovem engenheiro casa-se com a prima, Angelina, moça educada para o casamento. O matrimônio serviu para unir as riquezas das duas famílias. Tal obra pode representar uma crítica aos costumes de uma sociedade burguesa em ascensão e aos arranjos decorrentes das relações de poder que permeiam as camadas sociais em fins do período oitocentista. Um estudioso da literatura que tece comentários ao romance de Ignez Sabino e ratifica tais informações é Jorge Araujo (2008, p. 23). Segundo ele:

*Lutas do coração* radica tal investimento analítico e de avaliação psicológica, debruçando-se sobre a representação contributiva da mulher no ordenamento da sociedade brasileira oitocentista a partir dos horizontes e destinos individuais de três personagens (Angelina, Matilde e Ofélia), as contradições históricas e sociológicas no tocante ao papel reservado à mulher e as repercussões e embates destacados na perspectiva de cada uma para afirmar sua presença. O romance discute e expõe a supressão dos direitos femininos numa sociedade de exclusões e a convenção de atributos

modelares segundo a ótica patriarcal e machista, espalhando e reproduzindo um panorama de disparidades, típicas das sociedades fechadas.

O pesquisador ainda chama a atenção para o modo como Inês Sabino, no romance em questão, expõe os costumes da sociedade, adentrando pelas casas e mostrando as relações familiares, até aqueles mais íntimos. Por outro lado, Araujo critica o fato de as heroínas possuírem roteiros previsíveis, bem como a sua tendência ao fracasso de personagens como Ofélia, pela quantidade de mortes com que ela se depara ao longo do percurso, o que denuncia certa falha na composição da narrativa.

Angelina é a filha única do barão de Santa Júlia (algumas personagens utilizam-se de seus antigos títulos de nobreza mesmo já estando na República), educada aos moldes tradicionais, cuja instrução é baseada nas prendas domésticas, música e catecismo. É prima de Hermano, de quem seus pais planejam a união com ela, desejando a adesão das riquezas das duas famílias.

Ela é caracterizada como uma pessoa boa e muito educada, que alegrava a vida de seus pais por sua maneira alegre de ser. Trata-se da típica mulher educada para o casamento. Seu estudo era restrito ao que o pai considerava adequado para uma mulher, como se vê no excerto a seguir:

Com referência à educação, não a deram à filha nem muito à antiga, nem muito à moderna [...]. Era afável, muito alegre mesmo e educada com suficiente instrução para não parecer tola. O barão não quis que ela tivesse mais estudos pelo motivo de não gostar de mulheres eruditas (SABINO, 1999, p. 117).

Através da caracterização dessa personagem, percebe-se que a primeira forma de restrição imposta à mulher advinha do seu próprio lar, de acordo com a educação recebida pelos pais. Angelina tinha acesso a pouca diversidade de leituras, as quais, dentre elas, encontravam-se, em sua maior parte, textos bíblicos. O pai possuía em sua estante grande variedade de obras, porém não deixava que a filha lesse nenhum de seus livros,

considerados inadequados para uma mulher ter acesso, como se eles fossem conduzi-la a outros caminhos que não o traçado pela família.

Exemplo de figura feminina mal vista pela sociedade carioca, na segunda metade do século XIX, por não seguir exatamente o que se preconizava, é a personagem Matilde, a qual é caracterizada por Inês Sabino como a mulher casada não adepta à normatização do ser mulher, visto que ela, apesar do matrimônio, ia de encontro a esse status. Adepta às festas, aos saraus – ocasião em que manifestava seus dotes artísticos – gostava de exhibir seus atributos físicos a fim de manter os homens aos seus pés.

Os amigos da família riem do médico Alencastro por ele ser casado com Matilde e não cuidar da virtude dela, como se ao marido coubesse “domar” a esposa para que ela aja conforme as regras sociais. “– Quem a governa são os nervos...” (SABINO, 1999, p. 136), diz um senhor, amigo de seus pais. Segundo eles, Alencastro é muito condescendente e permite que as vontades de sua esposa sejam satisfeitas. Dizem até que é perdoável que ela se comporte como tal por ser uma mulher doente, histérica. Assim, seu esposo era sempre ridicularizado quando se reuniam com amigos e conhecidos, sempre a defendendo dos comentários maldosos.

Ofélia é a terceira personagem cujo papel no enredo é bastante decisivo para o desfecho de toda a narrativa. Seu nome de batismo é Antonieta e ela é oriunda de família de poucas posses. Por esse motivo, ela foi levada pelas conveniências sociais, e, principalmente pela família, a contrair matrimônio, aos dezesseis anos, com o rico comendador Bernardes, homem bem mais velho que ela. Consoante aos seus sentimentos quanto ao matrimônio arranjado, a narrativa descreve como a natureza se encontrava no dia marcado para o casamento, como se tudo ao redor da noiva se compadecesse, fato perceptível no seguinte trecho:

A instâncias da família, aceitou a corte do comendador Bernardes, rico capitalista, marcando-se o consórcio para o dia dez de junho, que amanhecera úmido, pesado e triste. [...]

Realmente, a natureza parecia comprazer-se em não concorrer ao ato matrimonial com a fidalguia dos seus esplendores,

entristecendo um noivado de luxo que tivera lugar numa capela particular [...]. (SABINO, 1999, p. 99-100)

O episódio do casamento de Ofélia é descrito com muita sensibilidade e protesto contra as normas de conduta em que as mulheres eram submetidas, além de retratar seu sentimento de tristeza por ter que ceder às exigências que a sociedade impunha e não poder retroceder diante da decisão, sob o risco de manchar seu nome e o de sua família.

Ofélia é a personagem que ao longo da narrativa vai ganhando expressão e adquirindo identidade, salta de uma tríade amorosa para tornar-se peça principal da história. Através dela, segundo Quinlan (1999), Inês Sabino foge da caracterização do romance oitocentista, pautado na mocinha que segue os padrões sociais e constitui família, para guiar-se por suas próprias convicções.

Tal personagem também simboliza a inversão de papéis na trama, quando opta por seguir uma vida independente, descartando seu amor por Hermano por saber que ele não assumiria um relacionamento convencional com ela. Aquele se tornou um sujeito fraco e sentimental que implora pelo amor de sua amada, a qual recusa e, mais uma vez, vê-se levada a modificar sua vida em busca de sua autorrealização.

### Considerações finais

Por fim, conclui-se que o século XIX foi marcado por inúmeras mudanças, principalmente no Brasil, e, nesse sentido, a vida em sociedade, bem como a literatura, foram os aspectos mais envolvidos nesse contexto. Assim, a construção do modelo feminino foi importada para as obras literárias no final do período oitocentista. Em relação a Inês Sabino, nota-se que sua produção pautava-se na caracterização da mulher como possuidora de desejos e vontades e sua vida não resumida ao espaço doméstico, como pode-se observar em **Lutas do coração** com a personagem Ofélia.

### Referências

ARAUJO, Jorge de Souza. **Floração de imaginários**: o romance baiano no século XX. Itabuna/Ilhéus: Via Litterarum, 2008.

ALVES, Ívia. Liberdade e Interdição. **A produção de autoria feminina**. Pontos de interrogação. Vol. 2, n. 1, p. 120-135, Alagoinhas, jan.-jun. 2012.

ARAÚJO, Maria Da Conceição Pinheiro. **Tramas Femininas na Imprensa do Século XIX**: Tessituras de Ignez Sabino e Délia. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Letras Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008.

HIGONNET, Anne. Mulheres e imagens. Aparências, lazer, subsistência. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Orgs.). **História das Mulheres no Ocidente**: O Século XIX. vol. 4. Porto: Edições Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1991, p. 297-323.

MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). **Escritoras brasileiras do século XIX**: antologia. 2. ed. vol. I. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

QUINLAN, Susan Canty. Apresentação. In: SABINO, Inês. **Lutas do coração**. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999, p. 07-27.

SABINO, Ignez. **Lutas do coração**. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

SILVEIRA, Sinéia Maia Teles. **Múltiplas Faces Femininas da Tessitura Literária de Inês Sabino**. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014.

TELLES, Norma. Escritoras brasileiras no século XIX. In: GOTLIB, Nádya Battella (org.). **A mulher na literatura**. Belo Horizonte: UFMG, 1990. v. III.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das Mulheres no Brasil**. 10. ed. 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017, p. 401-442.

VERONA, Elisa Maria. **Da feminilidade oitocentista**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução de Bia Nunes de Sousa e Glauco Mattoso. 1. ed. São Paulo: Tordesilhas, 2014.